

A estação pré-histórica de Parede

Documentos inéditos sobre estratigrafia e estruturas (Campanha de 1956)

Eduardo da Cunha Serrão *

Resumo

Descoberta em 1953 por Eduardo Prescott Vicente e Eduardo da Cunha Serrão, a estação arqueológica de Parede foi objecto de escavações em 1955, 1956 e 1957.

Os mais importantes dados que a estação ofereceu foram resumidos principalmente em três publicações (1957⁸, 1958⁷ e 1964¹), que não se articulam com a coerência devida porque nunca foram publicados os trabalhos efectuados em 1956 pelos achadores e pelo arqueólogo Afonso do Paço, uma vez que a instalação em Parede (1957) de um campo internacional de trabalhos arqueológicos, contra a vontade dos dois primeiros, perturbou o ritmo da metodologia pré-estabelecida e conseqüente eficiência da colaboração entre os três arqueólogos.

Porém, essa escavação de 1956, na qual se utilizou em Portugal pela primeira vez o *grid method*, foi a mais frutuosa, pois não só revelou uma sequência estratigráfica bastante significativa, como também várias estruturas, dados que permitiram a identificação de dois povoados sobrepostos: um, do Neolítico, desde os finais do V milénio a.C. (Parede I), com um pavimento de argila calcada, e um pequeno silo, usando os respectivos habitantes cerâmicas do tipo dolménico e recipientes com bordos denteados; outro povoado do Calcolítico inicial (Parede II) atribuível ao início do III milénio, com habitações de pedra, contornadas exteriormente por pavimentos lajeados, quando se usavam cerâmicas de pastas apuradas decoradas com caneluras, como em Vila Nova de S. Pedro I. Depois do abandono e destruição deste segundo povoado, o local foi frequentado por populações da Cultura campaniforme que apenas aí deixaram fragmentos das suas típicas cerâmicas (Parede III).

Os artefactos do mais antigo nível desta estação publicados em 1964, sugeriram ao arqueólogo alemão, Konrad Spindler, um *Neolitische Parede-Gruppe Mittelportugals* (1976), marcado por 35 estações da Estremadura portuguesa.

* Presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

O autor deste artigo considera interessante a hipótese, mas merecedora de atenta revisão por entender que a maioria das 35 estações em causa foi explorada pouco metodicamente, faltando portanto dados estratigráficos que garantam, em cada estação, contextos rigorosos susceptíveis de legítimas comparações entre si.

Résumé

Découvert en 1953 par Eduardo Prescott Vicente et Eduardo da Cunha Serrão, le site archéologique de Parede a été objet de fouilles en 1955, 1956 et 1957.

Les données plus importants y recueillis ont été réunis en 3 publications (1957, 1958 et 1964). Cependant, celles-ci ne s'articulent pas avec la cohérence nécessaire, puisque les travaux menés en 1956 n'ont été jamais publiés.

Par ailleurs un champ international de travaux archéologiques s'est installé à Parede en 1957, ce qui a troublé le rythme de la méthodologie et, par conséquence, l'efficacité de la collaboration des trois archéologues.

Malgré cela, cette fouille entreprise en 1956 (c'était la première fois qu'on utilisait le "grid method" au Portugal) a été la plus réussite, révélant pas seulement une séquence stratigraphique bien significative, mais aussi plusieurs structures. Ces éléments ont permis l'identification de deux habitats superposés: le premier, néolithique, datant depuis les fins du V millénaire, avant C. (Parede I), a un sol d'argile foulée et un petit silo. Les habitants usaient des céramiques de tradition dolménique et des récipients à bords dentelés. Le deuxième (Parede II) peut être attribué aux commencements du II millénaire — Chalcolithique Ancien — avait des habitations en pierre, entourées par pavés dallés et les occupants utilisaient des céramiques avec des pâtes apurées et décorées avec de canelures, semblables à celles de Vila Nova de S. Pedro I.

Après l'abandon et la destruction de cet habitat, le site a été utilisé par des peuplades de la Culture Campaniforme qu'y ont laissé des fragments de leurs céramiques typiques (Parede III). Les artefacts appartenant au niveau le plus ancien et publiés en 1964, ont suggéré à Konrad Spindler un Neolithische Parede-Gruppe Mittelportugals (1976), signalé par 35 sites dans l'Estremadura portugaise.

L'auteur tient que cette hypothèse bien qu'intéressante, devra subir révision attentive car, en majorité, les sites archéologiques ont été explorés sans la méthode stratigraphique, la seule qui pourrait assurer à chaque site des contextes sûrs, susceptibles d'être analysés comparativement.

1. As duas divulgadas fases cronológico-culturais do “Povoado pré-histórico de Parede”

Quando se aborda a periodização do Neolítico e do Calcolítico da Estremadura portuguesa, é frequente evocar-se a estratigrafia da estação arqueológica de Parede, porque se entende que revelou duas fases cronológico-culturais conhecidas por Parede I e Parede II, diferenciação estabelecida pelo arqueólogo Afonso do Paço¹, quando deu pública satisfação das escavações que, em 1957, aí realizou, orientando um “campo internacional de trabalho de arqueologia”. Prova suficientemente a confiança que tem merecido a publicação do referido arqueólogo, o facto de, em 1976, Konrad Spindler² ter utilizado os dados nela expostos para fundamentar a sua teoria sobre um “*Neolithische Parede-Gruppe in Mittelportugal*”, que, segundo entende, ocuparia uma apreciável área geográfica, marcada por 35 estações, distribuídas, *grasso modo*, em torno da Foz do Tejo³ (oportunamente voltarei a este assunto).

Não significam estes comentários que considere inaproveitáveis os dados bibliográficos utilizados pelo referido arqueólogo alemão, ou que pretenda destruir a teoria que sobre eles construiu; pretendo, sim, completar o que se ficou sabendo pela publicação de 1964, até, corrigir algumas das suas informações,

¹ PAÇO, A. do, *O povoado pré-histórico da Parede (Cascais)*, Câmara Municipal de Cascais, Cascais, 1964.

² SPINDLER, K., *Die Neolithische Parede - Gruppe in Mittelportugal*, “*Madrider Mitteilungen*”, XVII, Heidelberg, 1976.

³ Achada, Alapraia, Alto das Perdizes, Barro, Cabeço da Arruda, Carnaxide, Carvalho, Casa da Moura, Cascais, Cova da Moura, Espargueira, Folha da Barrada, Fontainhas, Fórnea, Furninha, Junqueira, Lapa da Bugalheira, Lapa da Galinha, Lapa do Bugio, Lapa do Suão, Liceia, Moinho da Fonte do Sol, Monge, Montes Claros, Nascente do Rio Almonda, Olelas, Ota, Parede, Penedo, Praia das Maças, Salemas, Serra das Éguas, Trigache, Vale de Lobos, Zambujal.

com documentos que possuo e estavam praticamente inéditos⁴, podendo cada um utilizar agora, como entender, a mais ampla bibliografia de que passa a dispor.

Mas vejamos em primeiro lugar o significado dessas duas fases, que a publicação de A. do Paço distingue.

Os artefactos caracterizantes de Parede I, do estrato inferior, obviamente, são principalmente cerâmicas, cronologicamente algo discordantes entre si, pois algumas já tinham sido consideradas noutras estações como típicas de diferenciadas épocas e culturas por elementos estratigráficos e outros dados de apreciável segurança.

Essas cerâmicas são, como se pode avaliar lendo A. do Paço, exemplares carenados (*carené*, como escreve o investigador) e sem qualquer decoração característicos da cultura dolménica; muitos fragmentos de vasos com bordos denteados, como os do estrato 1 de Olelas, por exemplo, estrato este que, nesta última estação, se definiu com precisão do Neolítico avançado⁵; outros fragmentos ainda de recipientes com decoração de caneluras leves, de pastas apuradas, denominados “de importação” por uns, “copos” por muitos, original família cerâmica exumada nos níveis inferiores de Vila Nova de S. Pedro⁶ e considerada, por quase todos os arqueólogos, do Calcolítico inicial. Também foram encontrados nesse estrato I de Parede, espécimes mostrando “protuberâncias mamilares”, cordões em relevo ao longo dos bordos, perfurações em V, ainda pratos decorados no interior, e ornatos produzidos por “agrupamentos de pequenas perfurações”.

Perante este amálgama de variedades cerâmicas, quase todas sugerindo uma fase neolítica, é lícito perguntar: — Não estaremos em presença de uma *mistura*, na acepção técnica do termo? Isto é, por muito que certas cerâmicas de várias épocas e culturas possam ter convivido em resultado da longevidade de alguns tipos, é de suspeitar que, no caso em questão, quaisquer *nuances* estratigráficas tivessem escapado durante as escavações de 1957 (acontece aos mais presunçosos). Pois eu julgo que assim aconteceu e tentarei neste artigo esboçar uma demonstração em tal sentido.

No estrato mais recente (Parede II), segundo também descreve o arqueólogo A. do Paço, apareceram fragmentos de cerâmica campaniforme (predominando o pontilhado), misturados com exemplares do estrato inferior, em resultado de remeximentos causados “por sucessivas lavouras”.

São, portanto, pobres, quanto ao significado cronológico e corológico, estes dois estratos conhecidos por Parede I e Parede II, porque, além da

⁴ SERRÃO, E. C., VICENTE, E. P., *Escavações em Sesimbra, Parede e Olelas — Métodos empregados*, “Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia”, Lisboa, 1959.

⁵ SERRÃO, E. C., VICENTE, E. P., *O castro eneolítico de Olelas — Primeiras escavações*, “Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal”, XXXIX, Lisboa, 1958.

⁶ É volumosa a bibliografia publicada por Afonso do Paço, só ou de colaboração com outros arqueólogos, sobre Vila Nova de S. Pedro; portanto, aconselhamos a consulta de “Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço, 1929-1968”, publicados em dois volumes pela Associação dos Arqueólogos Portugueses (1970-1971).

mistura sugerida pelos tipos cerâmicos do estrato mais antigo, estes continuam no mais recente, distinguindo-se este último do inferior, apenas porque contém fragmentos de cerâmica campaniforme.

Ora, eu creio que algo mais se teria ficado a saber sobre Parede se A. do Paço tivesse integrado na sua publicação de 1964 os dados de uma escavação realizada em 1956, a qual foi orientada por ele, Eduardo Prescott Vicente e Eduardo da Cunha Serrão em estreita colaboração, durante a qual identificámos uma estratigrafia mais complexa, assim como importantes estruturas que foram muito discutidas, entre os três, quanto ao seu significado e relação com o espólio.

* * *

Vejam, agora, alguns acontecimentos que impediram não ter sido publicada a escavação de 1956; e é pertinente que sejam divulgados, pois é verdade que a actuação dos investigadores (competência, meios técnicos utilizados, tempo aplicado e até disciplina de equipa, etc.) é mais um factor que vem perturbar, em vários graus, o significado dos testemunhos em observação, estes já de si normalmente perturbadíssimos pela anterior incidência de vários fenómenos naturais.

A estação arqueológica de Parede (figs. 1 e 2), foi detectada em 16 de Setembro de 1953 por Eduardo Prescott Vicente e pelo autor desta comunicação.⁷

No Verão de 1955, os achadores convidaram o arqueólogo A. do Paço para a realização de sondagens e eventuais posteriores escavações; obtida a concordância do Prof. A. A. Mendes Corrêa, presidente do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, do qual os dois achadores eram colaboradores, e materialmente apoiados pela Câmara Municipal de Cascais por iniciativa do convidado, concretizaram-se trabalhos nos períodos de 22 de Setembro a 1 de Outubro de 1955 (uma vala de sondagem)⁸, e Outubro-Novembro de 1956, tendo-se procedido, nesta 2.^a fase, a uma escavação metódica, que prosseguiu em Julho de 1957 apenas com A. do Paço a orientar o já referido “campo internacional de trabalho de arqueologia”.

As condições em que a estação foi encontrada e primeiros materiais recolhidos⁷, a fase das sondagens efectuadas em 1955⁸, assim como a escavação de 1957¹, tudo foi já devidamente publicado, mas *integralmente nunca as de 1956*; explico porquê:

Teria sido com a melhor das intenções, eu acredito, que A. do Paço acedeu à sugestão da Mocidade Portuguesa, no sentido de se instalar o campo de trabalhos em Parede, talvez porque neste esquema conseguiríamos melhor

⁷ VICENTE, E. P., SERRÃO, E. C., *Estação eneolítica da Parede — notícia do seu achado*, “Trabalhos de Antropologia e Etnologia” XXI, 1-2, Porto, 1958.

⁸ PAÇO, A. do; SERRÃO, E. C.; VICENTE, E. P., *Estação eneolítica da Parede (Cascais) — Reconhecimento de 1955*, “XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências”, Coimbra, 1957.

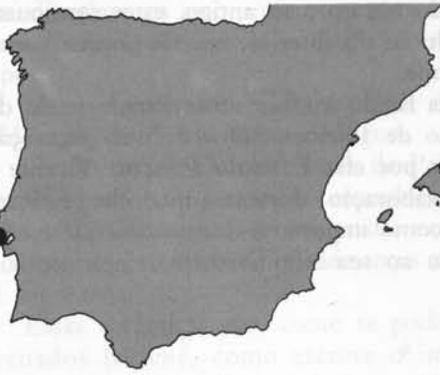


Fig. 1 — Localização da Parede na península Ibérica.

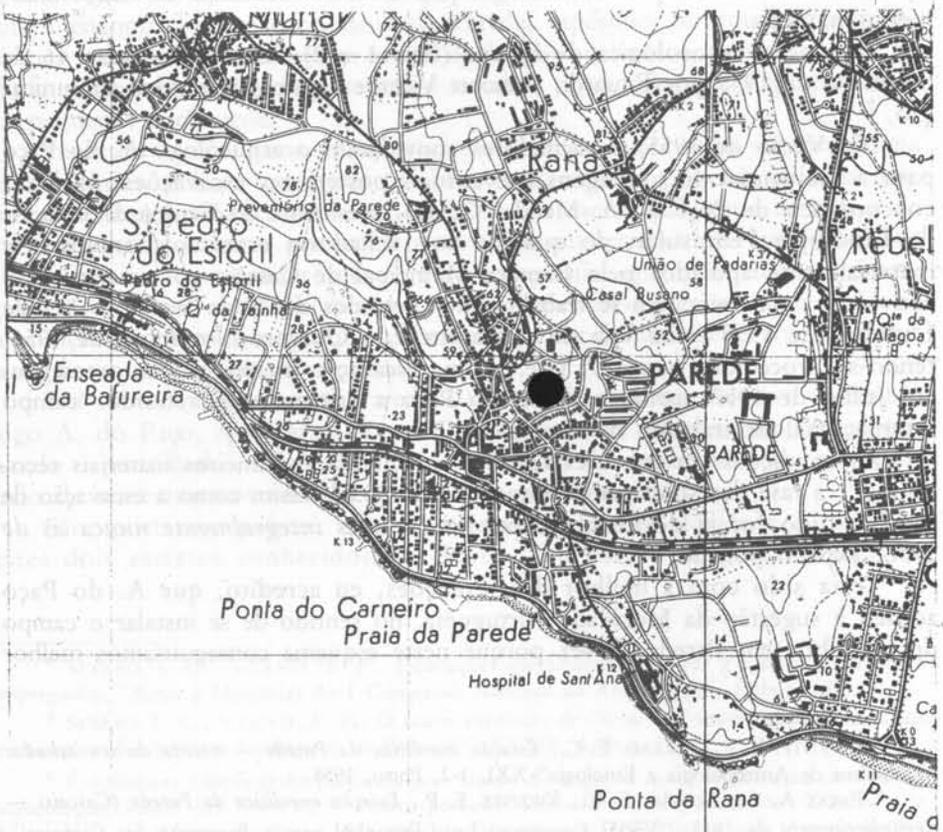


Fig. 2 — Situação da Parede. Esc. 1:25 000.

apoio, em todos os aspectos, por parte das entidades com capacidade para o conceder.

Mas, os achadores da estação, a quem o campo internacional de trabalhos havia sido praticamente imposto, logo que, nos primeiros dias, verificaram que a campanha iria decorrer tumultuosamente, em consequência da quantidade excessiva de intervenientes (20 estudantes portugueses e estrangeiros e 4 orientadores, A. do Paço, E. Prescott V., E. C. Serrão e Beatrice Blance), sendo evidente que os estudantes colaboradores eram totalmente inexperientes em Arqueologia e, na maioria, estavam apenas interessados em passar umas boas férias na Costa do Sol, os achadores, dizia, depois de algumas tentativas de adaptação, preferiram desligar-se da equipa, facto que, obviamente, criou um ambiente pouco propício para que, mais tarde, retomássemos a sequência dos trabalhos com A. do Paço, até mesmo para publicarmos, os três, a anterior escavação de 1956.

Depois do falecimento de A. do Paço, E. P. V. e E. C. S. não mais conseguiram tempo disponível para estudar todos os materiais depositados em Cascais, no Museu Conde de Castro Guimarães (os espólios de 1955, 1956 e 1957), rever e confrontar os seus cadernos de campo, etc.

Hoje, sou o único sobrevivente da equipa formada em 1955 — E. P. V., A. do Paço, E. C. S. — mas, possuindo documentação que, pessoalmente, recolhi em 1956⁹ e dados importantes que E. P. V. me entregou, quando ainda vivo, entendo que devo publicar tais elementos, não viessem outros a publicá-los mais tarde, lançando ainda maior confusão neste caso arqueológico, muito complexo pela própria natureza dos testemunhos arqueológicos e algo perturbado pelos acontecimentos que acabo de referir.

2. Considerações de ordem geral sobre a campanha de 1956

Esta campanha foi a mais importante das três que se realizaram em Parede, pelos seguintes motivos:

- 1.º — Pela primeira vez se experimentou, em Portugal, e com excelentes resultados, o *grid method* (figs. 3 e 4), de maneira nenhuma por influência da arqueóloga Beatrice Blance (que esteve presente durante alguns dias), mas sim porque tomei conhecimento das vantagens deste método de escavação¹⁰ quando estive em Inglaterra no ano anterior, onde adquiri uma nova visão sobre trabalhos arqueológicos de campo, que fiquei a dever aos contactos que estabeleci com o British Council of Archaeology. Se alguns hoje consideram o sistema já ultrapassado, a sua utilização em Parede (e em Olelas também),

⁹ Todas as fotografias que ilustram este artigo foram tiradas em 1956 por E. da Cunha Serrão.

¹⁰ Manifestando mais uma vez a honestidade que sempre o caracterizou, Eduardo Prescott escreveu nas suas notas de campo: "O método de escavação usado, por sugestão de E. Serrão, foi o de abrir quadrados com 3 m de lado, separados por testemunhos com 0,60 m de largura ..."

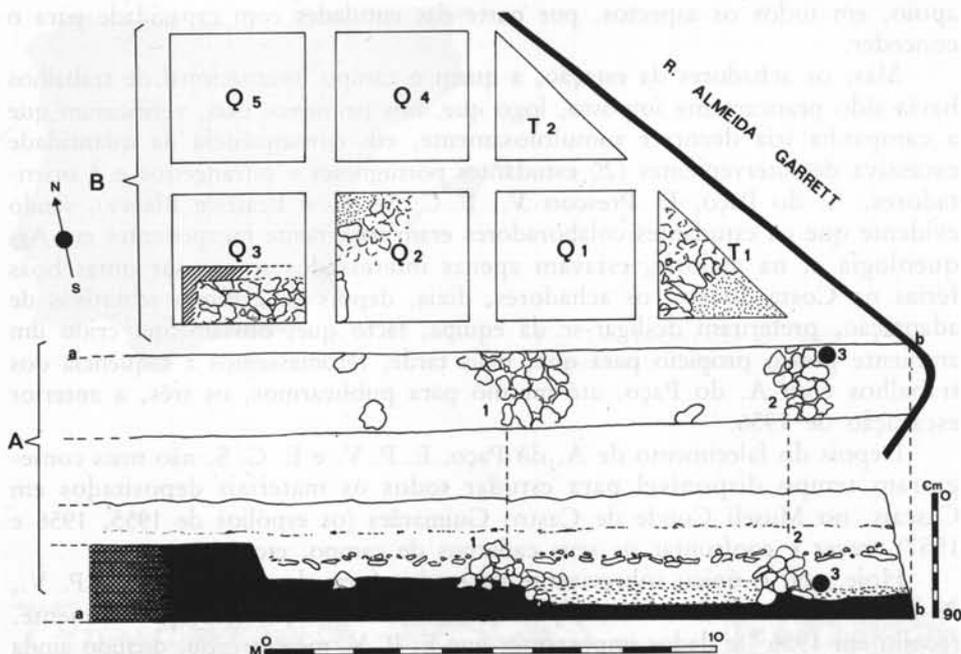


Fig. 3 — A — Vala de sondagem aberta em 1955 (planta e corte); veja nota 8. 1 e 2 - Muros desabados; 3 - Aglomerados de conchas de moluscos marinhos. No corte, marcou-se a ponteado a camada de argila calcada, sobre a qual assentavam os muros 1 e 2, e a negro, o troço que então não se explorou.

B — Escavação de 1956, tratada nesta publicação; às estruturas marcadas nos Q.3, Q.2 e T.1, referem-se os pontos 3.3 e 3.4 do texto.

marcou entre nós o início de uma nova etapa na metodologia dos trabalhos de campo, pois ainda não se haviam divulgado, no nosso país, algumas obras¹¹, e até simples manuais, que o preconizavam para casos específicos, como o de Parede.

2.º — Graças à metodologia empregada, foi possível identificar numa série de cortes, pelo menos oito diferenciações, entre as quais alguns estratos expressivos, que oportunamente serão explicados e documentados.

3.º — Também foram reveladas várias estruturas com interesse, nunca publicadas devidamente, como já aludi.

* * *

Em 1 de Outubro de 1956, o signatário, depois de ter escolhido com A. do Paço, a zona a explorar, marcou no terreno 5 quadrados com lados de ~ 3 m,

¹¹ WHEELER, Sir M., *Archaeology from the Earth*, Oxford University Press, London, 1954. Esta obra foi traduzida em espanhol em 1961, pelo Fondo de Cultura Económica (México-Buenos Aires), com o título, *Arqueologia de Campo*; KENYON, M. K., *Beginning in Archaeology*, Phoenix House Limited, London, 1952.

orientados ~ NS e ~ EW, separados por testemunhos, de 60 cm (Q1 a Q5), e 2 triângulos rectângulos (T1 e T2) com as hipotenusas paralelas a um talude da Rua Almeida Garrett, correspondendo a área a escavar a 54 m² (figs. 3 e 4). Tomou parte activa nesta operação e nos trabalhos subsequentes, meu sobrinho Luís Caldas Saldanha, então estudante, hoje professor catedrático da Faculdade de Ciências de Lisboa.



Fig. 4 — Quatro sectores da escavação de 1956, os T.1, Q.1, Q.2 e Q.3 (este último no 1.º plano), vendo-se já o manto de pedras referidas em 3.2 do texto (4.a). À direita, um troço da vala aberta em 1955 (8); ainda não se tinham marcado os Q.4, Q.5 e T.2.

E. P. Vicente não se encontrava então em Lisboa e só interveio na escavação, com muita eficiência, a partir de 6 de Outubro.

A Câmara Municipal de Cascais pôs-nos à descrição alguns trabalhadores e suportou as principais despesas.

As tarefas dos três orientadores foram distribuídas assim: E. C. Serrão e E. P. Vicente — estudo da estratigrafia e das estruturas (E. P. V. dedicou-se particularmente à estratigrafia das camadas inferiores e ao estudo de uma estrutura curiosa que detectou nos Q2 e Q3). A. do Paço encarregou-se de tudo quanto respeitava ao espólio (selecção, sumária limpeza e arrumação).

A estação foi muito visitada durante as escavações (excessivamente mesmo), em consequência da prejudicial propaganda feita em alguns jornais, tendo-se registado destruição de camadas e de testemunhos, e, até, o desaparecimento de algum espólio (*souvenirs*), situação que se agravou na campanha do ano seguinte.

Os arqueólogos Leonel Ribeiro (levando consigo grande número de alunos), Gil Miguéis Andrade e João José Fernandes Gomes acompanharam algumas fases dos trabalhos, tendo-nos prestado, os dois últimos, excelente colaboração.

Quase no final da campanha, os engenheiros D. António Castelo Branco e Moitinho de Almeida e os arqueólogos Georges Zbyzewski e O. da Veiga Ferreira (todos representando os Serviços Geológicos de Portugal), examinaram a natureza das camadas arqueológicas identificadas e connosco muito discutiram o problema *terra rossa* ou *barro calcado intencionalmente*, que será abordado oportunamente.

Em 5 e 12 de Novembro de 1956 fizeram-se seis sondagens no prolongamento da vala aberta em 1955, até 30 m da sua extremidade W, para se avaliar a extensão da zona que oferecia espólio. As sondagens mais distantes deram resultados praticamente negativos.

Por motivos de ordem particular, não me foi possível acompanhar os trabalhos a partir de 12 de Novembro de 1956, os quais, em consequência de grandes chuvadas, terminaram poucos dias depois.

3. Estratigrafia e estruturas

3.1. Generalidades

A obra de Sir Mortimer Wheeler *Archaeology from the Earth*, publicada em 1954, era praticamente desconhecida em Portugal quando iniciámos a escavação de 1956. Porém, eu tinha adquirido em Londres um dos exemplares da edição publicada pela Oxford University Press, facto este decisivo para estimular os meus outros dois colaboradores, no sentido de optarmos pelo *grid method*, sistema que consiste na abertura de n quadrados, nas condições preconizadas pelo referido arqueólogo inglês no capítulo V, n.º 2 'Plano de uma escavação', ao tratar dos procedimentos adaptáveis a uma jazida de ocupação e cujas vantagens para o arqueólogo português actual é um lugar-comum (julgo), pelo que não as repito.

A nossa principal preocupação nessa altura, era a identificação de dados estratigráficos que solucionassem problemas não resolvidos durante os trabalhos

de 1955, que consistiram na rotineira abertura de uma vala de sondagem, estratégia considerado por M. Wheeler um “tiro às cegas” que, segundo comenta, apenas nos dá indicações de ordem muito geral, embora sejam necessárias valas, em casos muito especiais: “trincheiras substantivas”¹².

O registo exaustivo de todos os dados, a identificação e análise precisas de estruturas sobrepostas “que asseguram melhor a estratigrafia do que qualquer outro método”, são conselhos de A. Leroi-Gourhan, publicados no ano em que procedíamos à escavação¹³, mas cujo desconhecimento não nos prejudicou pois, sob formas diferentes, a metodologia inglesa (aliás, já então adoptada em muitos países), conduzir-nos-ia aos mesmos objectivos; e a prova está em que, apenas por ela guiados, os principais resultados desta escavação de 1956 consistiram na revelação de importantes dados estratigráficos e de estruturas com os mesmos relacionados, e tão evidentes que, para a respectiva detecção, bastava ter olhos e bom senso.

Estratigrafia e estruturas, valorizadas pela tipologia do espólio, permitiram-nos identificar uma sequência cronológica coerente, cujas incógnitas que ficaram em suspenso se podem atribuir a dois factos mais importantes:

- 1.º Não se ter prosseguido em 1957 (pelas razões apresentadas no capítulo 1), a escavação das zonas onde trabalhámos em 1956. Assim, não se desmontaram alguns testemunhos, o que explicaria a relação entre as estruturas parciais reveladas em cada quadrado, triângulo e vala de sondagem de 1955 (A. do Paço, talvez aguardando que pudessemos retomar a colaboração desejável, não mais tocou nas zonas em parte exploradas no ano anterior);
- 2.º Não ter sido, sequer, possível, organizarmos (os três) sessões de trabalho, no sentido de verificarmos se os dados de A. do Paço sobre as posições dos materiais que recolheu em 1955 e 1957 coincidiam com os das amostras por mim guardadas em 1956 como documentos complementares do registo estratigráfico de que me havia incumbido (carmadas 1 a 5).

3.2. Os primeiros dados do quadrado n.º 2

Já referi que foram apenas explorados 5 quadrados e 2 triângulos (fig. 3), nem todos exaustivamente por falta de tempo e de condições climáticas favoráveis, tendo-se notado que os dados de cada unidade de escavação mostravam particularidades próprias. Mas, não só porque as indicações essenciais de cada unidade eram concordantes entre si, como ainda porque a descrição exaustiva de tudo quanto se registou em cada unidade seria incompatível com o espaço de que disponho neste momento, descreverei em 3.2., 3.3. e 3.4., apenas os dados que nos proporcionaram os quadrados n.º 2 e n.º 3 e o triângulo n.º 1, os quais melhor exprimem o significado da estação e abrangem o principal do

¹² WHEELER, Sir M., *op. cit.*, nota 10, pp. 78 e 84 da tradução em espanhol de 1961.

¹³ LEROI-GOURHAN, A., *et al.*, *La Préhistoire*, Presses Universitaires de France, Paris, 1968 (col. Nouvelle Clio).

que observámos em todos os sectores da escavação. Ir mais longe corresponderia, quase, a transcrever o meu caderno de campo e as notas que E. Prescott me entregou, documentos estes patentes a quem os quiser analisar.

No quadrado n.º 2 detectámos a seguinte sequência (fig. 5, a e b, e fig. 6):

- 1 — Depósitos, com 20 cm a 25 cm de espessura, contendo raros materiais ante-históricos, misturados com outros de épocas posteriores, alguns muito recentes.
- 2 — Vestígios de um solo desprovido de dados cronológicos, que, quase sempre, selava as camadas inferiores; era evidente, por mostrar restos de matéria orgânica e pequenos seixos dispersos (fig. 5, a e b — entre I e II e fig. 6 — entre 1 e 3).
- 3 — Depósitos escuros, com a espessura de 20 cm a 25 cm, onde predominavam materiais pré-históricos (oportunamente referirei a sua expressão cronológico-cultural — cf. cap. 4), misturados, em algumas zonas, com os típicos da camada imediatamente inferior, e outros mais modernos (fig. 5, a e b — II e fig. 6 — 3).
- 4 — Manto de pedras e lajes, com uma espessura muito variável, não ultrapassando 0,5 m, que se podia desdobrar em dois (fig. 5, a e b — III e fig. 6 — 4.a e 4.b).
- 4.a. — pedras irregulares de diversas dimensões (fig. 7), sendo abundantes as que ultrapassavam os 20 cm de espessura; assentavam sobre:
- 4.b. — pedras de maiores dimensões do que as anteriores, muitas com o formato de lajes.



Fig. 5 — a) Estratigrafia revelada no testemunho N. do Q. 2; veja-se 3.2 do texto e fig. 6. Entre as etiquetas I e II, vê-se o solo identificado no texto, e na fig. 5, e o n.º 2.

Fig. 5 — b) Equivalente à fig. 5a, mas abrangendo todo o testemunho N. do Q.2.

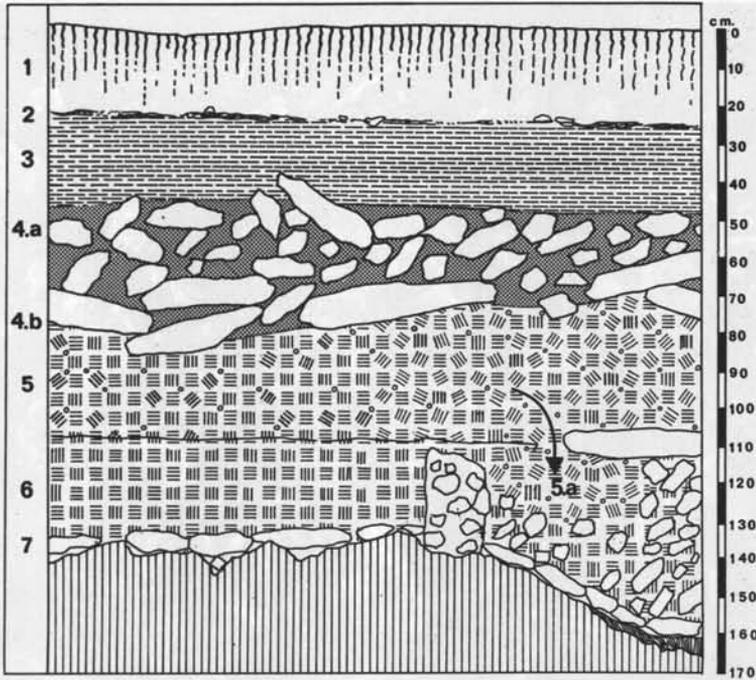


Fig. 6 — 1 - Terras superficiais sem interesse arqueológico; 2 - Solo antigo não datável; 3 - Depósitos contendo cerâmicas do tipo campaniforme e afins (Parede III); 4a - Manto de grandes pedras irregulares (nos depósitos envolventes, predominam cerâmicas caneladas — Parede II); 4b - Manto de grandes pedras lajiformes (idem); 5 - Depósitos contendo espólio de vários tipos (Parede I); 5a - Depósitos contendo materiais de estrato 5; 6 - Argila calcada; 7 - Pedras regularizando a superfície da rocha de base.

5 — Depósitos escuros, com 20 cm a 40 cm de espessura, muito ricos em espólio (cerâmicas), diferenciado do das camadas que se lhe sobrepuñham (fig. 5, a e b — IV e fig. 6 — 5).

6 — Camada de barro calcado, com 20 cm a 25 cm de espessura, inicialmente tomado pelos geólogos como *terra-rossa* (fig. 5, a e b — V e fig. 6 — 6; foi E. Prescott quem encontrou fragmentos de cerâmica nesta camada, o que levou os referidos geólogos a alterar o seu parecer inicial, aliás, baseado em observações que haviam feito nos taludes das ruas do Bairro Octaviano onde a estação tinha sido detectada.

Este estrato ainda assentava sobre uma estrutura que descreverei em 3.4.

3.3. Particularidades do estrato 4

Já as referi sumariamente, mas detenho-me agora em alguns pormenores importantes.

A sua subdivisão em dois substratos é legítima, não só pela diferença de



Fig. 7 — Q.2; O manto de pedras que apareceu a uma profundidade média de 50 cm; este manto existia em todos os quadrados e nos dois triângulos. Veja figs. 5.a e 6 (4.a) e 3.2 do texto.

dimensões das pedras que constituíam cada um, como pelas características especiais do inferior: pedras lajiformes, disposição com certa regularidade (figs. 8, 9 e 10). E neste substrato *b* havia indícios de que, principalmente no Q2 e T1, as pedras e lajes contornavam espaços semicirculares que só continham terras, pedras pequenas e espólio (figs. 3, 8, 10 e 11). Uma teoria sobre estes espaços será apresentada em 5.2.

Esperávamos desmontar, na escavação de 1957, os testemunhos que impediam uma visão ampla de tais espaços, contornados como que por um pavimento lajeado, o que não foi possível conseguir pelas razões expostas em 1. e 3.1. Mas devíamos tê-lo feito e a única atenuante será estarmos convictos (eu e E. P. V.) de que voltaríamos à problemática que ficara em suspenso, no ano seguinte.

3.4. *Importantes estruturas sob o 5.º estrato*

As minhas observações e registos respeitam às diferenciações 1 a 5, de todos os quadrados e triângulos. Mas, nos Q3 e Q2 e para baixo do estrato 5.º, E. P. V. identificou estruturas importantes, para o que teve de desmontar o testemunho que os separava; transcrevo, no essencial, as suas notas, convindo

acompanhar as descrições que faz com os dados da fig. 6 e examinar as figs. 12 e 13:

“Desentulhando e escavando nessa abertura” (uma falta de continuidade que notou no estrato 6) “verifiquei a existência de uma *cavidade* cheia de pedras, cujas dimensões variavam entre 25 cm e 45 cm, e terra negra ... muito solta”... “Continha, misturada com as pedras e com a terra, alguma cerâmica sem decoração”.

“No local de maior profundidade e sob as últimas duas pedras que retirei, havia alguns *carvões* e *cinzas*... A cavidade é sub-rectangular, no sentido este-oeste... A maior profundidade é a este, cerca de 0,80 m abaixo do último nível das lajes” (estrato 4.b) “O fundo é revestido por pedras... Para oeste, o fundo vai subindo até atingir uma pequena parede, que me parece ser de barro amassado e pedras”.

.....

“Do lado norte, a cavidade é limitada por um outro muro, que me parece ser também constituído por barro e pedras ...”



Fig. 8 — Q.2; Sob o estrato 4.a, que se vê na fig. 7, predominavam pedras maiores e lajiformes. Veja fig. 6, 4.b e 3.3 do texto. Em baixo, à esquerda, espaço semicircular com terra, pedra miúda e espólio.



Fig. 9 — Q.2; No testemunho, evidencia-se o manto de pedras irregulares; no primeiro plano (em baixo), algumas das pedras lajiformes. Veja fig. 6 (4.a e 4.b) e 3.3 do texto.



Fig. 10 — Equivalente à fig. 8. Em baixo à esquerda, as pedras lajiformes, e à direita o espaço semicircular com terra, pedra miúda e espólio. Veja fig. 6 (4.a e 4.b) e 3.3 do texto.



Fig. 11 — Pedras lajiformes contornando espaço semicircular com terra, pedra miúda e espólio (espaço acentuado pela sombra do testemunho). Veja fig. 3 e 3.3 do texto.



Fig. 12 — Eduardo Prescott explorando, no Q.2, a estrutura que detectou sob a camada de argila calcada. Veja fig. 6, n.º 5a e 3.4 do texto.

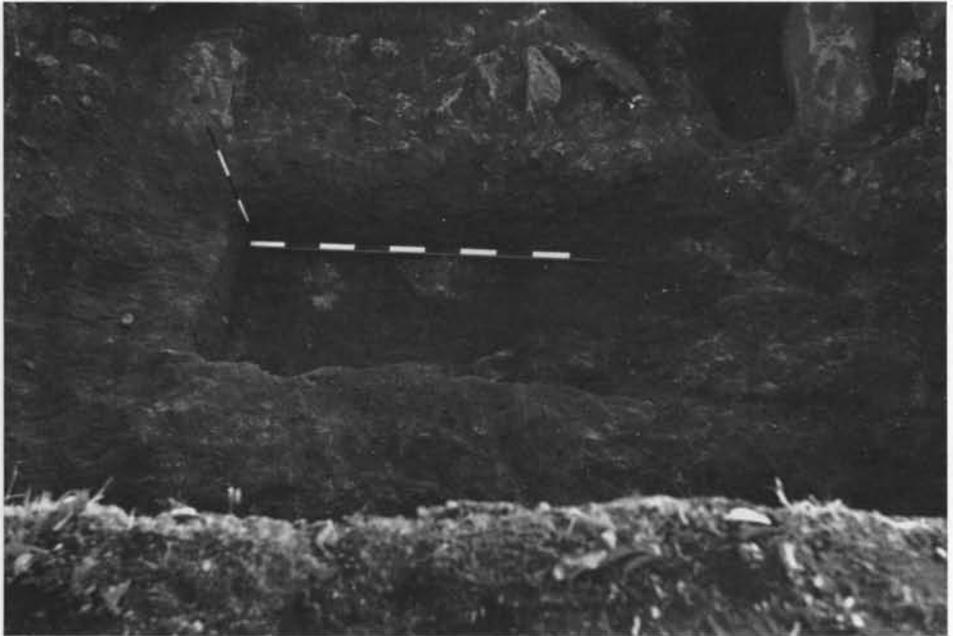


Fig. 13 — A estrutura esquematizada em 5a, fig. 5, vista de cima. Vê-se, no fundo, o pavimento lajeado. Veja fig. 2 (Q. 3) e 3.4 do texto.

“Por cima do local mais fundo da cavidade e um pouco desviada para norte, estava colocada, em posição horizontal, uma laje ... 0,5 m acima do local mais fundo ...”

“Por cima da laje, a camada é a mesma que se nota entre as lajes do estrato (4.b) e a terra dura e vermelha do estrato 6.º e continha bastantes *fragmentos de cerâmica lisa*.”

“O estrato 6.º, terra dura e vermelha, cobria não só parte da cavidade como também os muros.”

... “no interior da camada compacta, dura e vermelha (6.ª) que cobria ... a cavidade ... e as paredes de barro e pedras ... existia espólio muito raro, constituído por *fragmentos de cerâmica lisa*.”

“Estas características (verificadas no Q2 e Q3), parecem revelar trabalho humano com o fim de conseguir um *pavimento duro, regular e horizontal*,

feito de barro ou terra muito calcada... e não resultante de qualquer processo geológico.”

Mas, além da detecção destas estruturas complexas, que E. Prescott registou, surgiu outra novidade que o mesmo arqueólogo descreve assim, depois de sondar sob o estrato 6.º:

“... ficou à vista um *empedrado* ... que também existia no Q3, junto ao muro de barro e pedras que limitava a N. a cavidade. Sondei no Q2, através do estrato (6.º) e encontrei também o mesmo *empedrado* ... É sensivelmente horizontal e a disposição das pedras tem quase a regularidade de uma calçada ... que me parece resultar de trabalho humano” (fig. 13, no interior da sondagem rectangular). “O estrato (6.º), barro calcado, assenta directamente sobre este estrato.”

“Esta espécie de *calçada* (fig. 6-7), está a cerca de 1,30 m da superfície” (conforme os locais) “e é formada por pedras com dimensões entre 10 cm e 50 cm.” E. P. V. notou ainda que descia para este, onde ficava aproximadamente a 1,50 m de profundidade, acontecendo, curiosamente, que a camada de barro calcado aumentava aqui de espessura (40 cm), como que para compensar o desnível.

A calçada assentava sobre o banco de calcário de base.

3.5. Outras estruturas

Embora detectadas antes da escavação de 1956, não devo deixar de referir as seguintes estruturas:

- 1.º — Na vala de sondagem aberta em 1955, encontrámos dois aglomerados de pedras sugerindo troços de muros paralelos desabados; distam cerca de 6 m um do outro, ambos com 50 cm de altura, um medindo 70 cm, o outro 50 cm de larguras máximas nas bases (fig. 3 e números 1 e 2); penetravam na camada 6.ª (barro calcado). Junto e na parte inferior do aglomerado de pedras do Nascente, mas sobre a 6.ª camada, apareceu um enorme aglomerado de conchas de moluscos marinhos (fig. 3, n.º 3).
- 2.º — Grande aglomerado de pedras de várias dimensões (algumas enormes), dispostas por vezes com apreciável regularidade, medindo cerca de 1,50 m de altura e 2 m de largura (máximos), situada 200 m a E. da zona que explorámos em 1956 (figs. 14 e 15). Embora o aspecto de alguns troços sugira ter-se pretendido construir uma muralha defensiva do povoado pré-histórico, não obtivemos dados que o provassem.

No entanto, note-se, foi relativamente perto que eu recolhi cerâmicas pré-históricas quando da detecção da estação (os achados de E. Prescott foram feitos nos taludes dos arruamentos do novo bairro em construção). Esta estrutura, cuja função poderia ter sido outra (suporte de terras e não muralha defensiva pré-histórica, e a cronologia muito diferente: qualquer época muito mais recente), orientava-se sensivelmente no sentido N-S.



Fig. 14 — Aglomerado de pedras, disposto por vezes com certa regularidade, situado a cerca de 200 m a este da zona explorada em 1956, visto de frente. Veja 3.5 do texto.



Fig. 15 — *Idem*, visto de cima.

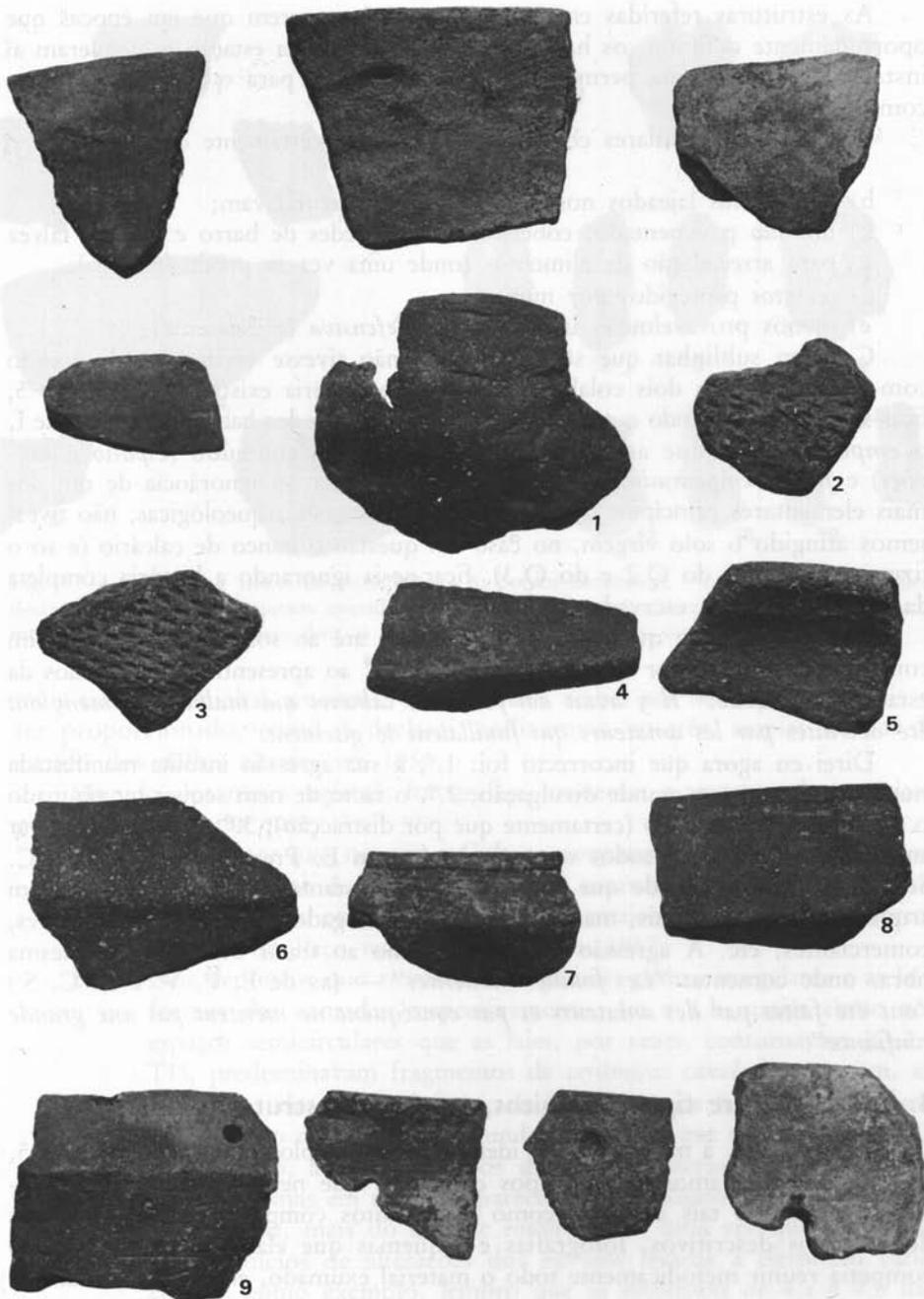


Fig. 16 — Tipos cerâmicos predominantes no estrato 5. Fragmentos: de pequeno vaso hemisférico - 1; mostrando pequenas incisões oblongas - 2 e 3; de pratos - 4 e 5; de vasos carenados - 6 a 9 (esc. 1:2).

As estruturas referidas em 3.3., 3.4. e 3.5. sugerem que em épocas que oportunamente definirei, os habitantes pré-históricos da estação pretenderam aí instalar-se com alguma permanência e comodidade, para o que construíram, como parece:

- a) *habitações* circulares com muros de pedra (certamente que de pequena altura);
- b) *pavimentos* lajeados nos espaços que as circundavam;
- c) um *siló* pavimentado, coberto e com paredes de barro e pedras, talvez para arrecadação de alimentos (onde uma vez se produziu fogo);
- d) *recintos* protegidos por muros;
- e) menos provavelmente, uma *muralha defensiva* (a Nascente).

Convém sublinhar que se E. Prescott não tivesse verificado, de acordo com os seus outros dois colaboradores, o que poderia existir sob o estrato 5, ficar-se-ia desconhecendo o *pavimento* de barro calcado dos habitantes de Parede I, o *empedrado* em que assentava, o *siló*, respectivo conteúdo (*espólio* e *carvões*) e *fundo empedrado*; isto é, se por negligência ou ignorância de um dos mais elementares princípios da técnica das explorações arqueológicas, não tivéssemos atingido o solo virgem, no caso em questão o banco de calcário (e só o fizemos em parte do Q.2 e do Q.3), ficar-se-ia ignorando a história completa da estação na zona escavada.

Pois esta atitude quase de rotina (sondar até ao solo virgem), foi assim comentada em 1966 por O. da Veiga Ferreira¹⁴ ao apresentar alguns dados da estação de Parede: “*Il y avait des fonds de cabanes qui malheureusement ont été détruites par les amateurs qui fouillaient le gisement.*”

Direi eu agora que incorrecto foi: 1.º, a sua agressão insólita manifestada numa obra que teve grande divulgação; 2.º, o facto de nem sequer ter poupado o seu ídolo, A. do Paço (certamente que por distração); 3.º, só não considerar amadores na sua obra todos os que não fossem E. Prescott Vicente e E. C. Serrão, esquecendo-se de que quase todos os restantes esses outros não eram arqueólogos profissionais, mas sim médicos, advogados, engenheiros, militares, comerciantes, etc. A agressão atinge o cúmulo ao tratar de Olelas na mesma obra, onde comenta: “*Les fouilles modernes*” — (as de E. P. V. e E. C. S.) “*ont été faites par des amateurs et par conséquent ne méritent pas une grande confiance*”.

4. Relação entre tipos cerâmicos, estratos e estruturas

Já referi que, à medida que ia identificando e explorando os estratos 1 a 5, recolhia algumas amostras dos tipos cerâmicos que neles considerei predominantes, tomando tais amostras como documentos complementares provisórios dos registos descritivos, fotografias e esquemas que elaborei; a A. do Paço competia reunir metodicamente todo o material exumado, ao qual se juntariam,

¹⁴ VEIGA FERREIRA, O. da, *La culture du vase campaniforme au Portugal*, “Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal”, XII, Nova Série, Lisboa, 1966, p. 29 (Olelas), p. 33 (Parede), p. 46 (Lapas do Bugio e do Fumo).

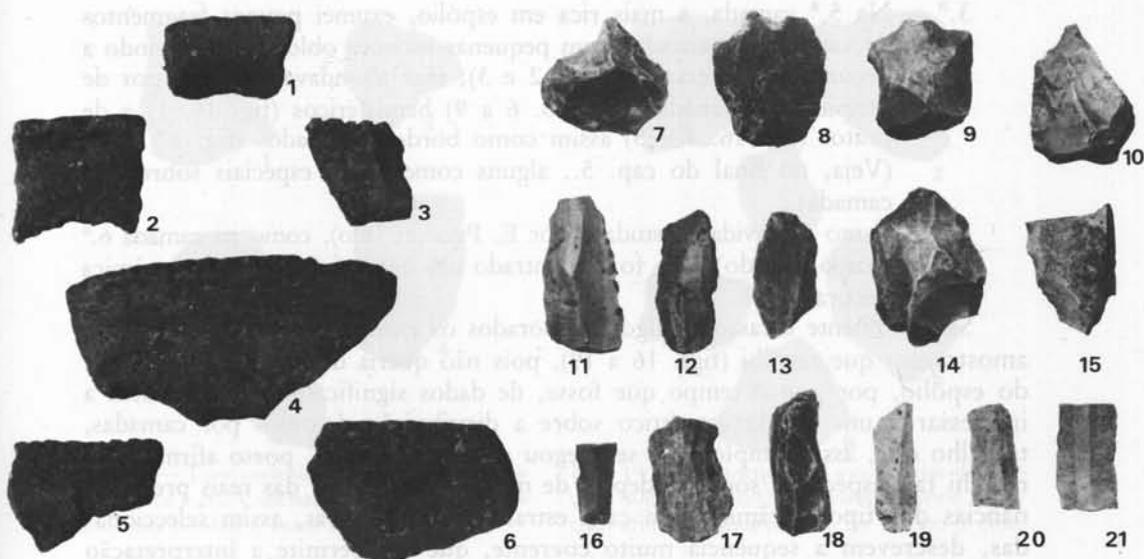


Fig. 17 — Cerâmica e sílices do estrato 5.1 a 6: bordos denteados; 7 a 21: artefactos de sílice destacando-se quatro pequenos utensílios terminando em ponta, talvez utilizados para destacar moluscos das rochas ou para abrir as conchas dos bivalves (7 a 10) (esc. 1:2).

mais tarde, as minhas amostras, com as quais acabei por ficar, por não mais se ter proporcionado, como já declarei, realizarmos, os três, amplas sessões de estudo dos dados obtidos em 1956.

Munido dos meus registos, fotografias, esquemas e amostras de materiais, posso hoje declarar que:

- 1.º — A *cerâmica que sugeria a Cultura campaniforme* (fig. 19), só aparecia no estrato 3 de todas as zonas escavadas, onde também havia exemplares de outros tipos (raros os arcaicos, e alguns muito recentes). A. do Paço notou o mesmo em 1957.
- 2.º — Nos depósitos que *envolviam* as grandes pedras irregulares e as laji-formes das camadas respectivamente, 4.a e 4.b, assim como nos espaços semicirculares que as lajes, por vezes, contornavam (Q.2 e T1), predominavam fragmentos de *cerâmicas caneladas*; evocam, algumas, as do estrato inferior de Vila Nova de S. Pedro (*caneluras leves*, vulgo *copos*, cnl.1. segundo convenção que utilizo¹⁵ (fig. 18). No entanto, alguns dos tipos da camada inferior também estavam presentes, mas em minoria, parecendo mais lógico que isto resultasse de *misturas*, mais do que de *convivências*, uma vez que na estação havia indícios de alterações dos estratos levadas a efeito em várias épocas; como exemplo, lembro que as estruturas de 4.a e 4.b não teriam sido concretizadas sem perturbar a camada inferior (5.ª).

¹⁵ SERRÃO, E. C., *Sobre a periodização do Neolítico e Calcolítico do território português*, "Actas I Mesa-Redonda sobre o Neolítico e Calcolítico em Portugal", Porto, 1979.

- 3.º — Na 5.ª camada, a mais rica em espólio, exumei poucos fragmentos de vasos ornamentados com pequenas incisões oblongas, sugerindo a decoração impressa (fig. 16. 2 e 3); mas abundavam fragmentos de recipientes carenados (fig. 16. 6 a 9) hemisféricos (fig. 16. 1) e de pratos (fig. 16. 4 e 5) assim como bordos denteados (fig. 17. 1-6). (Veja, no final do cap. 5., alguns comentários especiais sobre esta camada).
- 4.º — Tanto na cavidade estudada por E. Prescott (silo), como na camada 6.ª (barro calcado), não foi encontrado um único fragmento de cerâmica decorada.

São realmente escassos e algo deteriorados os exemplares que constituem a amostragem que recolhi (figs. 16 a 19), pois não queria desfalcicar a globalidade do espólio, por pouco tempo que fosse, de dados significativos que viessem a interessar a um estudo estatístico sobre a distribuição de tipos por camadas, trabalho que, assim amplo, não se chegou a realizar. Porém, posso afirmar que recolhi tais espécimes somente depois de me consciencializar das reais predominâncias dos tipos cerâmicos em cada estrato. E as amostras, assim seleccionadas, descrevem a sequência muito coerente, que me permite a interpretação constante do capítulo 5.

5. Interpretação

5.1. Sobre a cronologia absoluta do Neolítico final e Calcolítico da Estremadura portuguesa.

As cronologias que vou atribuir às fases de ocupação reveladas em 1956 na estação pré-histórica de Parede, fundamentam-se nas propostas que apresentei em 1979 na 1.ª Mesa-Redonda sobre o Neolítico e Calcolítico em Portugal¹⁶, propostas que ainda hoje mantenho, embora consciente de que o progresso dos métodos de avaliação cronométrica lhes virá a introduzir correcções substanciais, o que, aliás, acontecerá a quase todas — ou todas — as apresentadas, mesmo recentemente, pelos mais competentes e prudentes arqueólogos.

Nesse referido ensaio de periodização, expliquei que o suporte das hipóteses apresentadas era o pouco que se sabia entre nós — e mesmo hoje — sobre *cronologias relativas* baseadas em raros dados estratigráficos de suficiente segurança, e não muitas datações obtidas pelo C14 e pela *termoluminescência*, tendo optado pelo critério de *calibrar* as datas C14 para as poder colocar ao lado das T. L.

São estes os recursos de maior segurança de que hoje dispomos, estejam ou não alguns métodos em fase experimental; a experiência persistente e o progresso das técnicas irão afinando os métodos cronométricos, ou até desacreditando alguns definitivamente, não me parecendo atitude científica repudiarmos-los logo à partida, porque alguns arqueólogos resolveram fixar-se na *tipologia*, e nas suas videntes opiniões.

¹⁶ *Op. cit.* (v. nota 15).

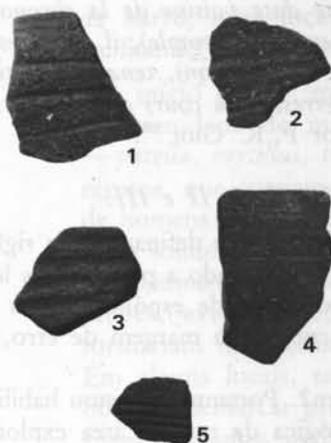


Fig. 18 — Tipo cerâmico predominante no estrato 4 (a e b). Caneluras leves e sulcos, paralelos aos bordos e entre si (esc. 1:2).



Fig. 19 — Fragmentos de vasos cujas decorações sugerem a cerâmica campaniforme e outras afins; só apareceram no estrato 3 (esc. 1:2).

Também há hoje quem entenda que a interpretação cronológica é questão de segundo plano, estando outras em posição prioritária, como o enquadramento do homem de cada fase pré-histórica no respectivo ambiente ecológico em sentido amplo, e seu comportamento cultural.

Quanto a mim, todas as incógnitas que o estudo de uma jazida pré-histórica levanta têm importância e, se for fácil hierarquizá-las, cada uma (seja qual for o lugar que venha a ocupar), quando colocada no *laboratório* do arqueólogo, terá de ser tratada com total aplicação, utilizando-se os métodos técnicos auxiliares aplicáveis de que no momento se dispõe, não se perdendo de vista, obviamente, a inter-relação de todas as questões postas pelo caso arqueológico em estudo.

O ensaio que submeti à apreciação dos participantes na referida Mesa-Redonda de 1979 correspondeu a uma experiência em que se reuniram, praticamente, todas as nossas datas T.L. e C14, estas calibradas pelo motivo que já declarei, verificando-se, inevitavelmente, recuos cronológicos substanciais nas culturas e fácies culturais, principalmente nas neolíticas.

Há quem observe que esse recuo colide com as cronologias C14 atribuídas ao nosso Mesolítico e dilata o espaço temporal onde temos de situar as culturas pós-calcolíticas. Não vou, agora, discutir exaustivamente se assim é ou não, mas, parece evidente que as poucas datas C14 das nossas estações mesolíticas também recuam se calibradas (Moita do Sebastião para ~ 6400 A.C. e Cabeço da Amoreira para ~ 6000 A.C.) e que a posição cronológica atribuída ao início do Bronze do S.W. (se bem avaliada, aproximadamente em 1500 A.C.) fica coerentemente no lugar em que o Calcolítico se vai esbatendo.

Para concluir esta controversa questão, recorro a opinião de Jean

Guilaine¹⁷, ao entender que “*Pour obtenir une date voisine de la chronologie absolue réelle (au sens où l’entendent les historiens par exemple), il est nécessaire de procéder à la correction dendrochronologique (calibration), tenant compte des variations du taux de 14C dans l’atmosphère terrestre au cours du temps ...*”, e transcrevendo algumas correções propostas por P. R. Giot¹⁸.

5.2. O significado funcional e cronológico de Parede I, II e III.

Não possuo dados (até hoje ninguém os obteve) que definam, com rigor, a dimensão espacial da estação de Parede. Mas, considerando a posição dos locais onde (com ou sem escavações) verifiquei a existência de espólio, alguns algo afastados entre si, poderei admitir, claro que com certa margem de erro, que ocuparia cerca de 50 000 m².

Ora, nós explorámos, em 1956, apenas 54 m². Portanto, só estou habilitado a tentar uma interpretação funcional e cronológica da restrita área explorada, permitindo-me generalizar as minhas hipóteses a uma superfície não muito mais ampla, que, mesmo assim, nunca corresponderia à estação arqueológica de Parede global, estação que continua aguardando, aqui e ali, sob prédios modernos e pavimentos asfaltados, em terrenos cultivados ou não, muito esclarecedoras respostas a questões que a sua descoberta e exploração levantaram. E pode acontecer que, eventualmente, a futura escavação de outras zonas inexploradas da estação, permita correções substanciais ou não, da interpretação que passo a expor.

1.º — Nos finais do V milénio A.C., populações que utilizavam, predominantemente, cerâmicas não decoradas (fig. 16), ocuparam o local e as formas dos seus recipientes favorecem a hipótese de que algumas manifestações da cultura dolmênica do interior já se haviam expandido até às zonas litorais; mas certos ornatos produzidos por pequenas incisões oblongas (fig. 16, 2 e 3), sugerindo a decoração impressa, e a abundância dos mais recentes vasos com bordos denteados (fig. 17, 1-6) levam-me a admitir uma ocupação algo prolongada. Em certa altura, para se instalarem mais comodamente, corrigiram as irregularidades do banco calcário de base, com pedras que preenchem as mais acentuadas cavidades, e sobre esta espécie de *calçada*, depositaram terras argilosas cuja superfície superior horizontalizaram, obtendo assim um *pavimento* regular.

Em determinado momento posterior, resolveram construir um *silo* com pavimento lajeado, delimitado por paredes de argila e pedras, coberto também com lajes, talvez destinado à guarda de alimentos, umas vezes, para os confeccionar, outras.

Para a construção deste *silo*, tiveram de perfurar o referido *pavimento*

¹⁷ GUILAINE, J., *Systèmes chronologiques et séquences culturelles des civilisations néolithiques et protohistoriques de la France*, “La préhistoire Française”, II, IXe Congrès de l’U.I.S.P.P., Nice, 1976.

¹⁸ GIOT, P. R., “Annales de Bretagne”, LXXX, 1973, pp. 137-138.

de barro, num local onde o banco de calcário do fundo descia, facilitando o objectivo que tinham em vista.

- 2.º — No início do 3.º milénio A.C., as condições favoráveis do local (proximidade do mar, que proporcionava colheita de moluscos — *patella*, *mytillus*, *trochocochlea*, etc. — e pesca, água fornecida por regatos, que corriam perto, clima, etc.), continuaram a atrair grupos de homens de culturas mais evoluídas que construíram *habitações* de certa solidez, circulares, com pouco altos muros de pedra, rodeados por *pavimentos lajeados*, que facilitavam a circulação entre tais habitações, evitando-se, assim, os inconvenientes das lamas que se formariam nos períodos chuvosos, e da poeira das fases secas.

Em alguns locais, teriam delimitado recintos *com muros de pedra*, ou para demarcar propriedades ou para guardar animais domésticos. Estes ocupantes ainda utilizavam algumas cerâmicas de tipos antigos, mas, mais frequentemente, os seus estilos próprios, em que as caneluras, leves ou não, eram uma novidade decorativa (fig. 18) e preparavam as pastas cuidando da sua qualidade, ou por evolução da técnica respectiva ou porque a tivessem aprendido em consequência de contactos com colonos que, vindos do Mediterrâneo, percorriam o litoral, fixando-se em algumas zonas.

Em resultado de um exame atento que fiz das diversas pastas das amostras recolhidas, evidenciou-se a qualidade superior deste tipo cerâmico, tendo registado nas minhas notas: “pasta compacta, homogeneamente avermelhada, contendo raríssimos grânulos de quartzo; vasos de paredes predominantemente delgadas. Ainda que pequenos, alguns fragmentos de bordos sugerem o perfil característico desta cerâmica.”

Os artefactos de cobre eram já utilizados e em Parede encontrámos alguns, durante a escavação de 1956, embora careçam de registo sobre posição estratigráfica rigorosa, não aceitando o signatário qualquer responsabilidade por esta lamentável falha, pois tal tarefa não lhe competia.

- 3.º — O abandono do local e a destruição das estruturas, por motivos que nos escapam (catástrofe, procura de melhores regiões, expulsão ...?), está atestado pela posição caótica em que encontrámos os materiais das habitações (fig. 6), muito claramente desabados sobre os pavimentos de pedras lajiformes (figs. 7 a 11). E se opto pela hipótese “materiais das habitações”, é porque não vislumbrámos outra que nos conduzisse a admitir construções de carácter funerário (ausência de ossos humanos, formas arquitectónicas peculiares, artefactos do respectivo ritual), ou fortificações, como em Vila Nova de S. Pedro e Zambujal, que estariam marcadas por uma dimensão de ruínas compatível com estruturas deste tipo. E se alguma vez existiram fortificações, pode delas ter restado o troço (não suficientemente estudado), já referido (figs. 14 e 15).

- 4.º — Nos meados do 3.º milénio A.C., ou um pouco antes, os homens

que fabricavam o *vaso campaniforme*, predominando o “ponteados” (fig. 19), e a *taça Palmela* deixaram os seus testemunhos sobre as ruínas do povoado, tudo levando a crer que mais episodicamente do que os seus antecessores; na realidade, desta Parede III não ficaram estruturas que testemunhassem uma ocupação persistente. Os *homens do vaso campaniforme* estiveram aí apenas acampados? Seriam as suas habitações de estrutura muito ligeira, cujos vestígios (prejudicados pelos trabalhos agrícolas posteriores), não se nos revelaram?

- 5.º — Na zona explorada, não recolhemos materiais demonstrativos de posteriores ocupações evidentes (Bronze, Ferro, colonizações, época romana). Há, apenas, indícios de que, uma vez ou outra, aí se fragmentaram vasos medievais e mais modernos, cujos restos testemunham a passagem de agricultores, pastores, caçadores.

Como acabámos de verificar, os dados que apresentei permitem uma melhor visão da estação arqueológica de Parede, com os seus três níveis cronológico-culturais definidos pela estratigrafia e pelas estruturas que a ajudaram a interpretar. Teremos assim Parede I (neolítica), II e III (respectivamente do Calcolítico inicial e da fase campaniforme). Definiram-se, pelas estruturas detectadas, dois bem nítidos povoados pré-históricos sobrepostos instalados desde os finais do V milénio A.C., até meados do III A.C., tendo os homens da Cultura campaniforme frequentado o local ou aí estabelecido acampamentos provisórios sobre as ruínas de Parede II.

5.3. Parede I, padrão de um complexo páleo-etnológico da Estremadura portuguesa?

Parece-me pertinente que, antes de terminar, e porque estou tratando da estação de Parede pela última vez, julgo, faça os comentários que se seguem sobre o já referido “Neolitische Parede Gruppe” proposto por K. Spindler¹⁹.

Como se sabe, o arqueólogo alemão em causa utiliza o complexo constituído pelos artefactos de Parede I para definir uma mancha páleo-etnológica marcada por 35 estações da Estremadura portuguesa e península de Setúbal²⁰. Ora, para eu avaliar conscientemente a pertinência desta concepção, seria necessário proceder ao exame minucioso dos dados dessas 35 estações (estratigráficos e tipológicos, principalmente), ou, preferivelmente, escavar de novo quase todas. Mas, não sendo o momento oportuno para tão estenuante tarefa, embora sem elementos suficientes para abordar uma crítica profunda da teoria do referido competente arqueólogo alemão, limito-me a intervir com algumas singelas considerações que podem estimular certa prudência por parte daqueles que se sintam tentados a considerá-la inabalável.

1.º Poucas são as estações tomadas por K. Spindler para definir o “Grupo de Parede” cuja estratigrafia tenha sido registada, porque os respectivos materiais publicados ou resultaram declaradamente de recolhas superficiais, ou de escava-

¹⁹ *Op. cit.* (v. nota 2).

²⁰ *Cf.* nota 3.

ções antigas conduzidas sem suficiente método; logo, é de prever que se delas tivéssemos dados estratigráficos, poderia acontecer que alguns tipos, especialmente cerâmicos, se mostrassem nessas estações isolados ou associados de maneiras diferentes do que aconteceu em Parede I. E se assim fosse, ficaria abalada a homogeneidade do contexto utilizado como padrão, qualidade certamente essencial para alicerçarmos com segurança a teoria em causa.

2.º Confirmam o que acabei de declarar dois exemplos por mim observados em escavações em que estive presente; assim, em Olelas²¹, a estratigrafia revelou que os vasos com bordos denteados eram claramente ante-campaniformes como aliás se previa, mas estavam associados iniludivelmente a um tipo cerâmico neolítico (ausente em Parede), com decoração impressa (não cardial), cujos vasos mostram fundos hemisféricos, e estão munidos de pegas mamilares alternando com pequenas asas de apêndice perfuradas. Ora, já temos um caso de associação dos bordos denteados bastante diferente da que se observa em Parede I.

Por sua vez, a Lapa do Fumo²² mostra-nos que a cerâmica neolítica com decoração impressa que referi, pode aparecer dissociada dos bordos denteados, e a tal ponto que nessa gruta nunca apareceu um só fragmento deste último tipo; e acresce que essa mesma cerâmica neolítica se mostrou na Lapa do Fumo bem isolada, por um manto de pedras e lajes, dos clássicos tipos de cerâmica dolménica, facto este importante pois, pelos dados de Parede I e Olelas I, a associação destes dois tipos aos bordos denteados, poderia conferir-lhes contemporaneidade entre si.

3.º Na realidade, as 35 estações referidas por K. Spindler mostram apenas que na zona onde se implantam, se usaram os principais tipos de Parede I e outros, mas não que em todas se manifestassem indubitavelmente associados sugerindo, se assim fosse, uma unidade cultural e cronológica, esta a única base consistente para admitirmos um grupo homogéneo e amplo. O que vemos é bem diferente, mostrando-se os bordos denteados, pelos exemplos de Parede e Olelas, bastante levianos nas companhias que escolheram em cada jazida, e insolitamente ausentes no caso Fumo, estação muito próxima da Lapa do Bugio onde bordo denteado resolveu penetrar. E que outras surpresas teríamos se pudéssemos fazer uma avaliação estatística das posições autênticas destes três tipos (só estes três) em cada uma das 35 estações do hipotético "*Neolithische Parede-Gruppe in Mittelportugal*"?

²¹ *Op. cit.* (v. nota 5).

²² SERRÃO, E. C., MARQUES, G., *Estrato pré-campaniforme de Lapa do Fumo (Sesimbra)*, "Actas II Congresso Nacional de Arqueologia", Coimbra, 1970.

and other countries. The results show that the effects of the 1997-1998 Asian crisis on the real exchange rate are significant and positive. The results also show that the effects of the 1997-1998 Asian crisis on the real exchange rate are significant and positive. The results also show that the effects of the 1997-1998 Asian crisis on the real exchange rate are significant and positive.

The results show that the effects of the 1997-1998 Asian crisis on the real exchange rate are significant and positive. The results also show that the effects of the 1997-1998 Asian crisis on the real exchange rate are significant and positive. The results also show that the effects of the 1997-1998 Asian crisis on the real exchange rate are significant and positive.

The results show that the effects of the 1997-1998 Asian crisis on the real exchange rate are significant and positive. The results also show that the effects of the 1997-1998 Asian crisis on the real exchange rate are significant and positive. The results also show that the effects of the 1997-1998 Asian crisis on the real exchange rate are significant and positive.

The results show that the effects of the 1997-1998 Asian crisis on the real exchange rate are significant and positive. The results also show that the effects of the 1997-1998 Asian crisis on the real exchange rate are significant and positive. The results also show that the effects of the 1997-1998 Asian crisis on the real exchange rate are significant and positive.

The results show that the effects of the 1997-1998 Asian crisis on the real exchange rate are significant and positive. The results also show that the effects of the 1997-1998 Asian crisis on the real exchange rate are significant and positive. The results also show that the effects of the 1997-1998 Asian crisis on the real exchange rate are significant and positive.

The results show that the effects of the 1997-1998 Asian crisis on the real exchange rate are significant and positive. The results also show that the effects of the 1997-1998 Asian crisis on the real exchange rate are significant and positive. The results also show that the effects of the 1997-1998 Asian crisis on the real exchange rate are significant and positive.

¹ See, for example, Brown (2002).

² See, for example, Brown (2002). The results show that the effects of the 1997-1998 Asian crisis on the real exchange rate are significant and positive.